O USO DA MÚSICA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA – UMA BASE NORTEADORA

ROBERTA SCHMID TUCKMANTEL

RESUMO

O presente estudo consiste em uma base norteadora para educadores que se depararão com o autismo presente na sala de aula. Mediante a lei de inclusão, a educação brasileira se depara com diversos indivíduos que apresentam necessidades educacionais especiais – sejam elas intelectuais, cognitivas ou físicas - e o professor deve estar preparado para proporcionar ao aluno um ensino que atenda suas debilidades garantindo seu aprendizado.

A criança autista necessita de um tratamento especializado em questões escolares por apresentar diferentes formas de aprender, e a música talvez possa ser uma diferente metodologia de ensino que atenda a necessidade escolar dessa criança. Portanto, este estudo busca compreender como a criança autista se beneficia do uso da música em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, trazendo exemplos de como esta ferramenta pode ser usada na educação da criança autista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; desenvolvimento; autismo; música.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente na educação brasileira o professor encontra diversos desafios ao lecionar. Além de barreiras relacionadas às políticas públicas e a gestão educacional nacional, ele também deve estar preparado para atender alunos com necessidades educacionais especiais. As salas de aula das escolas em âmbito nacional, atendem alunos portadores de deficiências, sejam elas intelectuais, cognitivas ou físicas.

A constituição de 1988, garante a matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas públicas brasileiras. Esta lei ainda estabeleceu o direito à escolarização de toda e qualquer pessoa, oferecendo igualdade de condições de acesso à educação e permanência na escola, além da garantia de "atendimento educacional especializado" ás pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais. E esta inclusão a escolarização deve ser feita preferencialmente na rede pública de ensino. (BRASIL, 1988). Reafirmando esta determinação de lei, em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional focou a obrigatoriedade do atendimento educacional especializado e gratuito para as pessoas com necessidades educacionais especiais, e foi neste momento que a chamada "lei de inclusão" ganhou força no cenário da educacional brasileiro.

Entre os alunos considerados na definição oficial "portadores de necessidades educacionais especiais", estão as pessoas com autismo. (BRASIL 2008)

Nas salas de aula espalhadas por toda a nação há muitos autistas, porém, não há um número estimado de quantos autistas existem no país. Em alguns casos há o atendimento especializado garantido por lei, mas infelizmente nem todos recebem este atendimento, sendo acompanhado em sua trajetória escolar somente pelo professor titular de sala.

A Criança autista apresenta dificuldades intelectuais, comportamentais e de interação social. Na maioria dos casos, a aprendizagem ocorre em um ritmo diferente do que é considerado normal, e há necessidades de adaptações metodológicas nas atividades escolares para superar barreiras no processo de escolarização.

O objetivo central da Educação Especial é a redução de obstáculos que impedem o indivíduo portador de necessidades educacionais especiais atingirem seu completo desempenho na participação das atividades coletivas e a plena e ativa atuação na sociedade. (Nilson, 2003).

As práticas inclusivas evidenciam um avanço nas ideias referentes à Educação Especial. A questão da inclusão tem sido alvo de grandes discussões e debates no contexto educacional brasileiro, entendendo que a palavra inclusão no contexto educacional não é sinônimo da palavra integração. Acredita-se que a integração visa inserir o sujeito na escola – um ambiente já estruturado; esperando que ele se adapte ao que já está pronto, enquanto a inclusão remete à ideia de redimensionar as estruturas físicas da escola, as atitudes da equipe escolar e educandos, a reformula do currículo, a fim de atender as necessidades educacionais especiais do educando. Na integração o sujeito se adapta à escola, na inclusão a escola se adapta para receber o aluno portador de necessidades especiais.

Desde que suas habilidades intelectuais as tornem capazes da mínima socialização, crianças com pequeno grau de autismo são inseridas na sala de aula sem um atendimento especializado, tendo suas dificuldades e necessidades educacionais especiais reconhecidas e acomodadas.

Infelizmente crianças com considerável grau de autismo e consequentemente severas dificuldades de aprendizagem, estão em instituições escolares que não reconhecem suas necessidades reais para uma aprendizagem significativa, e por este

motivo causam problemas consideráveis de socialização. Alguns casos de autismo são exceções e devem frequentar uma escola especializada, porém a maioria dos autistas possui a necessidade da socialização, e conseguem frequentar a escola regular. A criança autista aprende por meio do contato com seu semelhante, e colocá-la em contato com outros alunos, possivelmente pode-se retirá-la da zona de conforto ajudando-a a conviver em sociedade.

Ainda assim, a melhor solução para o completo e possível desenvolvimento da criança autista é o investimento intelectual proporcionado pelo atendimento educacional especializado.

O presente estudo pretende pesquisar detalhadamente o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança autista, relacionando estes processos com o uso da música, compreendendo de que forma a música auxilia na superação das barreiras presentes no processo de escolarização da criança autista. Para isto, foi realizada uma minuciosa pesquisa bibliográfica entre os principais estudiosos sobre o tema, além das leis nacionais atuais relacionadas à inclusão escolar.

2. Desenvolvimento

O objetivo central da Educação Especial é a redução de obstáculos que impedem o indivíduo portador de necessidades educacionais especiais atingirem seu completo desempenho na participação das atividades coletivas e a plena e ativa atuação na sociedade. (Nilson, 2003).

As práticas inclusivas evidenciam um avanço nas ideias referentes à Educação Especial. A questão da inclusão tem sido alvo de grandes discussões e debates no contexto educacional brasileiro, entendendo que a palavra inclusão no contexto educacional não é sinônimo da palavra integração. Acredita-se que a integração visa inserir o sujeito na escola – um ambiente já estruturado; esperando que ele se adapte ao que já está pronto, enquanto a inclusão remete à ideia de redimensionar as estruturas físicas da escola, as atitudes da equipe escolar e educandos, a reformula do currículo, a fim de atender as necessidades educacionais especiais do educando. Na integração o sujeito se adapta à escola, na inclusão a escola se adapta para receber o aluno portador de necessidades especiais.

STAINBACK & JACSON (1999, p. 33) afirmam que:

O conceito de inclusão comunica, mais claramente e com maior exatidão, que todas as crianças precisam estar incluídas na vida educativa e social das escolas comuns e na sociedade em geral, não unicamente na escola regular.

Segundo Ellis (1996), é improvável que toda criança autista tenha um atendimento educacional especializado, mesmo que este seja garantido por lei. Cada jurisdição escolar disponibiliza diferentes formas de atendimento às necessidades especiais apresentadas por alguns de seus educandos, mas o atendimento especializado é o menos utilizado.

Desde que suas habilidades intelectuais as tornem capazes da mínima socialização, crianças com pequeno grau de autismo são inseridas na sala de aula sem um atendimento especializado, tendo suas dificuldades e necessidades educacionais especiais reconhecidas e acomodadas.

Infelizmente crianças com considerável grau de autismo e consequentemente severas dificuldades de aprendizagem, estão em instituições escolares que não reconhecem suas necessidades reais para uma aprendizagem significativa, e por este motivo causam problemas consideráveis de socialização. Alguns casos de autismo são exceções e devem frequentar uma escola especializada, porém a maioria dos autistas possui a necessidade da socialização, e conseguem frequentar a escola regular. A criança autista aprende através do contato com seu semelhante, e colocá-la em contato com outros alunos, possivelmente pode-se retirá-la da zona de conforto ajudando-a a conviver em sociedade.

Ainda assim, a melhor solução para o completo e possível desenvolvimento da criança autista é o investimento intelectual proporcionado pelo atendimento educacional especializado.

2.1 - A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA

O homem é um ser racional cujo desenvolvimento é digno de constante estudo. A forma pela qual se desenvolve e a maneira como se relaciona com o outro nos diz a respeito de seu processo de desenvolvimento e socialização.

O indivíduo antes de emoção é um ato motor – ou seja – as atitudes são interpretadas pela cultura onde este está inserido.

A cultura e o contexto social onde o indivíduo está inserido são fatores que constituem o caráter e personalidade do sujeito. Quando há uma interação do sujeito com o meio, o meio influencia o indivíduo que por sua vez processa e exterioriza informações e atitudes que mudam o ambiente em que está inserido.

O modo como às pessoas pensam, sentem, agem e reagem são diferentes. E as formas pelas quais aprendem também.

A aprendizagem consiste no processo de aquisição de conhecimentos, conceitos, valores, habilidades e atitudes, através do estudo ou da experiência cotidiana. Existem diversa teorias da aprendizagem, pois acredita-se que não existe uma única forma pela qual se aprende, mas que cada um apresenta uma maneira individual pela qual adquire conhecimento e o desenvolve.

Apesar dos diferentes graus de acometimento autista, todos podem aprender. Cada autista apresenta uma diferente relação com a aprendizagem, sendo assim, o que funciona com uma criança autista pode não funcionar com outra, pois há especificidades únicas em cada caso de autismo.

Os autistas apresentam grande sensibilidade sensorial. Isto é normal, assim como podem desenvolver de forma mais específica outros sentidos além do tato. Alguns podem gostar de som, enquanto outros se sentem completamente estressados com qualquer barulho acima da altura normal à qual ele se sente confortável. Os autistas que possuem sensibilidade sensorial demonstram dificuldade em conhecer adequadamente seu próprio corpo e como ocorre a comunicação através dele. Alguns podem não sentir temperaturas extremas, outros se balançam em movimentos repetitivos a fim de buscarem uma saída para aliviar o estresse ou demonstrar sentimentos relacionados à alegria.

Grande parte das crianças autistas demonstra facilidade em aprender através de recursos visuais, pois são atentas à detalhes e possuem uma capacidade de memória acima da média. Alguns conseguem concentrar-se por muito tempo em uma atividade se esta for de sua linha de interesse.

A pessoa autista tem uma série de limitações relacionais, e isso influencia diretamente em seu processo de aprendizagem.

A interligação no ambiente educacional ainda é um desafio complexo para o indivíduo autista, o que consequentemente agravam as dificuldades no processo de aprendizagem.

O autista possui diversas barreiras que prejudicam seu desenvolvimento e aprendizagem; os mais agravantes são: a dificuldade de organização, distração e a compreensão de ordem sequencial.

- Ansiedade - A ansiedade por não compreender o tempo cronológico e a sequência das atividades que serão propostas no dia torna o comportamento da criança autista agitado. Por apresentar dificuldades em memorizar questões abstratas, a rotina visual deve ser feita diariamente para que a ansiedade colocada sobre a atividade seguinte seja amenizada mediante a sensação de domínio sobre os próximos acontecimentos do dia.

- Organização - A organização é algo muito complicado para uma criança autista. O ato de organizar requer a compreensão do que deve ser feito e um plano de execução para a realização da tarefa. Por este motivo, muitas vezes os autistas não são capazes de desenvolver completamente e organizadamente tarefas relativamente simples. Como forma de estímulo, é importante que haja algo concreto que o leve a compreender a necessidade de guardar o brinquedo, arrumar a mochila para ir para casa, etc. Essa intervenção pode ser feita com imagens ou com objetos que ilustre a atitude que deve ser tomada por ele naquele momento.

- Distração - A distração é um problema presente em todos os casos de autismo e um dos que mais prejudicam a aprendizagem da criança. Ruídos, conversas alheias ou qualquer coisa que aconteça ao seu redor, por mais simples que seja já é motivo que o desconecta daquilo que estava fazendo. É preciso perceber o que rouba a atenção da criança para que seja evitado na hora das atividades.

- Ordem sequencial - A dificuldade em sequenciar também é uma dificuldade comum entre os autistas, pois eles apresentam resistência em lembrar das ordens sequenciais das tarefas. Não compreender que se desarrumar a sala em seguida deve arrumar e/ou se brincar com brinquedos depois é necessário guardá-los são questões presentes no cotidiano da criança autista. O uso de recursos didáticos e visuais ajudarão na compreensão da ordem sequencial, a a observação da atitude do colega de sala levará a criança autista à compreender o que deve ser feito, pois ele agirá pela imitação.

- Partilhar - O egocentrismo é uma característica muito presente nos autistas, mesmo que tenham recebido orientações sobre a necessidade de partilhar. O incentivo à partilha na educação infantil deve acontecer com estratégias como elogios quando a criança divide algo, jogos coletivos e/ou jogos de mesa que ensinam a criança a esperar a sua vez e a respeitar o espaço do outro.

A criança autista é capaz de aprender e desenvolver suas habilidades. Existem inúmeras formas de intervenção na aprendizagem da criança autista: delimitação de objetivos educacionais; avaliações de desempenho pedagógico; intervenção na comunicação- interação e intervenções no sistema cognitivo e em questões comportamentais.

- Objetivos educacionais e avaliação pedagógica - É relacionar o que a criança já demonstra saber e traçar novos desafios para o progresso da criança. É avaliar a criança de acordo com a sua forma de

aprendizagem. Ao mesmo tempo em que ela demonstra saber fazer determinadas coisas, é perceptível suas dificuldades para a realização de atividades, e demonstram grandes frustrações por isso. Neste caso, os educadores devem elaborar estratégias para acalmar a criança, e a mais indicada é a música. A atividade de avaliação assim como todo o processo de ensino da criança autista deve ser feita por métodos didáticos concretos, compreendendo sua dificuldade em compreender questões abstratas.

- Intervenção na área de comunicação- interação - Objetiva auxiliar a criança no processo de socialização. Os professores devem ter um olhar atento com as crianças autistas de forma que elas compreendam a atenção que estão recebendo. Devem ajudá-las a compreender as atitudes corretas e incorretas. Estabelecer contato visual é algo que deve ser feito diariamente, e explicar a ela sua rotina diária, os espaços que irão explorar naquele dia, a fim de que ela se sinta segura e diminua a ansiedade sobre o que irá acontecer depois.

- Intervenções na área cognitiva - Consiste o desenvolvimento da concentração, imaginação e criatividade. Ajudar a criança a compreender o que está fazendo, desenhando, do que está brincando e quais são as regras de um jogo. Dessa forma ela conseguirá por si mesma discernir atitudes corretas de incorretas.

- Intervenção em questões comportamentais - Consiste em fazer com que a criança compreenda quais atitudes e ações não são indicadas para o convívio social. É estimulada a descobrir como agir diante de determinadas situações, compreendendo sempre o porquê da correção de determinadas atitudes, sendo encorajada constantemente com elogios e trocas de afeto. Os autistas são muito sensíveis à sentimentos, então frases como “isso nos deixa muito tristes” e/ ou “estou muito feliz! Parabéns!” são frases que podem levar a criança a compreender o resultado de suas atitudes, discernindo quais são corretas e quais não são.

2.2 - A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA

Segundo Snyders (2004), todo o ser humano nasce com potencialidade para a música, o seu desenvolvimento é que depende das relações com o ambiente e estímulos musicais. A escola, os amigos, a família, os meios de comunicação, entre outros, podem ser importantes para o desenvolvimento dos estímulos musicais.

Conforme Nicole Jeandot (1996), a educação musical nas escolas de educação infantil objetiva, sobretudo, desenvolver o pensamento e a linguagem, dando condições à criança de descobrir os sons que a rodeiam e que ela pode criar, conseguindo, através deles, novas maneiras de se expressar e se comunicar com as pessoas. A criança fala, entende e se comunica, através das palavras e, ouvindo e cantando, comunica-se também musicalmente. O próprio corpo da criança é o ponto de partida para a educação musical. A música torna-se um elemento rico, que brota do corpo em movimento, sendo a voz um precioso instrumento que a criança tem dentro de si.

Conforme mostram Pallares (2001) e Snyders (2004), o trabalho com a música nas escolas possibilita uma variedade de modos de percepção e sensações do aluno na sua relação com o mundo, através dos recursos expressivos de que dispõe o seu organismo para a comunicação e o conhecimento do mundo em que ele vive.

O uso da música na educação de pessoas autista tem sido alvo de pesquisas e experimentos no cenário educacional brasileiro.

A linguagem musical é extremamente útil para o pleno desenvolvimento da comunicação, expressão, equilíbrio da autoestima e do conhecimento de si, além de constituir-se um meio de interação social.

Este é um dos motivos pelos quais a música foi inserida no ambiente escolar, e no decorrer dos anos, vem atendendo a inúmeros objetivos pré-estabelecidos pelos educadores em relação ao desenvolvimento integral de seus alunos, a maioria deles relacionados à comunicação e expressão, e oralidade.

A música caracteriza-se como meio de expressão e comunicação. Meio de expressão por objetivar e dar forma há uma vivência humana, e de comunicação por revelar esta experiência pessoal de modo que possa alcançar o outro ser compartilhado. (VASQUES, 1978, apud PENHA, 1990, p. 20)

A música como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da linguagem/ oralidade é mais um meio de proporcionar ao indivíduo o desenvolvimento de habilidades para a facilitação da interação social.

As pessoas com autismo comumente apresentam suas habilidades sensoriais diferenciadas, tanto na forma de percepção quanto de processamento. Sabe-se também que elas apresentam uma facilidade maior na compreensão de informações espaciais e concretas e dificuldade em analisar partes separadas para chegar na conclusão de um todo.

Há um aspecto muito interessante ligado ao funcionamento cerebral das pessoas com autismo que evidenciam que elas mostram respostas neurofisiológicas delimitadas e em número reduzido para estímulos partindo de palavras. Isso significa que as palavras não são as melhores formas de es-

tímulo para autistas, pois as regiões centrais do córtex pariental apresentam uma significativa limitação de palavras.

Segundo pesquisas que obtiveram resultados analisados em um diagnóstico fisiológico de alterações na pele dos indivíduos enquanto ouviam música, as pessoas com autismo demonstraram ter uma percepção significativa e apropriada dos sentimentos e emoções evocados pelo som. Foi possível notar a identificação de sentimentos como alegria, calma ou tristeza. A percepção dos sentimentos e a expressão emocional presentes na música são identificadas e compreendidas pelos autistas.

A música utilizada juntamente com a terapia no processo de desenvolvimento da criança autista, tem o objetivo de desenvolver talentos, habilidade e capacidades presentes no indivíduo, sendo benéfica para crianças, adolescentes e adultos pois:

- proporciona a ação participativa das pessoas com autismo dentro da estrutura temporal presente na música, agindo como protagonista da mesma por meio de participações livre; exploração de instrumentos musicais, improvisações vocais etc.;

- a música oportuniza diferentes formas de expressão e comunicação socialmente adequadas e aceitas;

- possibilita às pessoas com autismo assumir responsabilidades diante dos demais indivíduos;

- estimula o aumento do repertório oral e desenvolvimento da comunicação verbal;

Na musicoterapia, as atividades mais utilizadas com autistas são a improvisação musical, o canto e a audição musical.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo está presente na sociedade e tem preenchido as salas de aula. O não saber como atuar com ações pedagógicas a fim de proporcionar uma aprendizagem significativa para o aluno é um dos medos dos educadores.

A aprendizagem da criança autista é diferente, adaptada às suas necessidades educacionais especiais que devem ser supridas.

A música como recurso pedagógico desempenha importante função na educação das crianças autistas. Suas emoções são estimuladas, ambientes são criados e a aprendizagem acontece.

A simplicidade no planejamento, mas a complexidade de sua estrutura embassadora é que fazem que o processo de desenvolvimento infantil do indivíduo autista aconteça progressivamente.

É importante compreender que a educação lúdica deve ser a base norteadora no processo de ensino – aprendizagem da criança autista. Ela não entende o abstrato, então recursos concretos também são necessários.

A música sempre traz benefícios para o corpo e a mente, e a educação da criança autista deve usá-la para proporcionar ao indivíduo a oportunidade de aprender e se desenvolver da forma que lhe convém, diante de todas as suas dificuldades e limitações.

O sujeito autista tem a capacidade de aprender! Nós educadores precisamos aprender a ensiná-los.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei n. 339, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF, 2005.

_____. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1990. 3. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2012.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em: . Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3odo art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 17 jun. 2023.

BEYER, Esther. A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir de Piaget. 1998. Dissertação (mestrado em educação). Curso de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Río Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

BRITO. Teca Alencar de. Música na educação Infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CRAIDY, Carmem Maria; KARCHER, Cládis Elise P. da Silva. Educação Infantil pra que te quero? São Paulo: Artmed, 2001.

DECLARAÇÃO de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre os Princípios, Políticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha, 10 junho, 1994.)

ELLIS, K. Autismo. Ed. Revinter: Rio de Janeiro, 1996.

GARDNER, Howard. Estruturas da

mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: The frams of the mind: the Theory of Multiple Intelligences, em 1983.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. Transtornos de aprendizagem e autismo. Cultural, S.A, 2014.

KISHIMOTO, T. Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 1994.

LAPLANE, A.L.F. Notas para uma análise dos discursos sobre inclusão escolar. In: GOES, M.C.R.

LAPLANE, A.L.F. (Org.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 5-20.

LIMA, P.A. Educação inclusiva e igualdade social. São Paulo: Àvercamp, 2006.

MAZZOTA, M.J.S. Educação especial no Brasil: história e políticas. São Paulo: Cortez, 1996.

PALLARES, M. Zaida. Atividades rítmicas para o pré-escolar. 3 ed, São Paulo: Redacta-Prodil, 2001.

SALLE, E., SUKIENNIK, P.E, SALLE, A.G, ONÓFRIO, R.F, ZUCHI, A. Autismo Infantil – Sinais e sintomas. In: CAMARGOS Jr, W. e colaboradores.

SCHAFER, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991.

STAINBACK, S., STAINBACK, W., JACSON, H. Hacia las aulas inclusivas: Aulas inclusivas: Madrid: Narcea. P. 21 – 35, 1999.

TUSTIN, F. Autismo e Psicose Infantil. Rio de janeiro: Imago, 1973.

VIGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.